

a propósito DA EXPOSIÇÃO DE DE AGOSTO

por JOÃO ALBERTO

Esta exposição deve, a meu ver, ser dividida em dois grupos. Um em que o artista denuncia um temperamento idealista sonhador, entregue a exagêros de temperamento, e outro onde a sua personalidade persiste com as mesmas características, porém já moderadas.

O primeiro enferma por um subjectivismo místico e consequente deficiência constructiva; a musicalidade metafísica das cores absorve inteiramente o artista. Por isto, o mau desenho de quasi todos os trabalhos.

As obras incluídas neste grupo chocam pelo carácter demasiado autístico, pela ameaça constante de caírem no destrambelhado, no espectáculo da forma torturada que é sempre o resultado objectivo da impotência metafísica. Basta recordar a cabeça de mulher loira pintada em azuis-verdes.

Seja como fôr, e mesmo depois da salutar reacção representada pelo paciente estudo de Velasquez, Augusto Tavares exhibe, em toda a exposição, um temperamento de artista nervoso, delirado, com um sentido estético exagerado para o idealismo.

Assim, se observarmos o retrato de Elsa Rumina, verificamos um flagrante exagêro quer da altura, quer da magreza, quer mesmo ainda do agudo oval do rosto.

A preponderância dos fundos sobre as figuras, avulta-se notoriamente, chegando mesmo à supressão formal dos objectos nos quatro exemplares de pintura abstracta que são aquelas paisagens do Guadarrama. As jarras, copos ou flôres, desarticulam-se, espapaçam-se quasi fundidos nas manchas coloridas da ambiência; são como objectos sonhados, carentes de realidade palpável. A figura humana de presença estática, mas de construção débil, aparece sempre como acessório da sua tragédia psíquica, cuja vibração máxima reside unicamente no ambiente cromático.

Máscaras tratadas à maneira de Greco são, na sua aparente serenidade, uma espécie de rostos vivendo noutra mundo.

Em todos, um rebusque de mistério incessantemente apoiado nas conhecidas vibrações psíquicas da cor. Por exemplo: o artista para nos transmitir a impressão que o modelo do retrato de Elsa Rumina lhe suscitou, teve o cuidado de o rodear duma sinfonia de róxos-lilazes. E aqui, este fundo é tudo quanto anima esse retrato, que a não ser a nota triste da harmonia que

o enquadra, poderia ter caído na banalidade dum figurino chic.

Agora vejâmos como a influência do pintor naturalista pôde equilibrar um pouco a mão desordenada de Augusto Tavares sem prejudicar em nada o carácter primordial da personalidade.

Na viagem de estudo a Espanha reside a base mais forte da sua carreira. E' bem notória a influência que a moda, a opinião geral, exerce nos artistas, nomeadamente nos das artes plásticas.

Agora, basta ter-se visitado Espanha, muito especialmente Madrid, para se sentir a influencia de Velasquez sobre toda a pintura que o rodeia.

O espectador, mesmo o mais profano em matéria pictural, sente-se inteiramente absorvido pela mágica dessa pintura onde a natureza nos aparece elevada à beleza singela, enriquecida de expressão objectiva.

Rafael, Andrea del Sarto, Tintoretto, Guido, Zurbaran, Ribera, Greco, Rubens e mesmo Goya, esmorecem as suas galas ante o fulgôr atingido, em sua própria casa, pelo máximo génio naturalista.

Numa palavra: em Madrid, Velasquez está e sempre esteve na moda.

Tavares viu-o, estudou-o e até o copiou belamente. (E' perfeita a cópia da Infante de Austria que o artista expõe).

Este tempêro da realidade objectiva, oposto ao seu temperamento inclinado ao intrasubjectivismo de idealismo misterioso, constituiu uma ótima panaceia, cujos resultados benéficos estão bem evidentes naquela cabeça de criança com chapéusinho de palha. Agora, imaginemos o que poderia acontecer se Tavares, no seu desejo legalissimo de vencer, tivesse encontrado Greco nos pináculos da glória ou se se houvesse metido numa corrente da opinião geral entretida a cantar louvôres ao expressionista Kadinski.

Nessa altura, produzir-se-ia em Tavares um fortissimo abalo, capaz de atirar as suas pretensões para as encruzilhadas das metafísicas extremistas, onde a impotência faz lei e a escuridão é o único sol reinante.

Para melhor explicar esta minha opinião devo informar que considero o individuo artista uma natureza especial em que uma ou mais partes do seu todo se agitam em determinado sentido, exageradamente em relação às demais. Assim estes indivi-

duos se afastam do comum. O aumento de actividade duma ou mais partes terá de forçosamente provocar um desequilíbrio no ritmo total; indispensável será, pois, reencontrar o equilíbrio perdido quer provocando um avanço equivalente da parte atrasada quer normalizando os impetus parciais.

Por aqui surge a evidente necessidade de conhecermos as tendências exageradas do nosso temperamento; por este conhecimento adquiriremos a faculdade de escolher aquillo que concorra para a transformação desse exagêro em equilíbrio, não por um movimento regressivo da parte exagerada mas por um progresso da retardada. Ao artista, mórmente, interessa a consciência do seu temperamento. Ele, antes de tudo, necessita ser um homem livre e hoje, sobretudo, a orientação das modernas correntes filosóficas e científicas caracterizam-se por um grande passo sabiamente orientado para uma liberdade na aceção mais própria, serena e positiva.

As caracterologias, como a de Kretschmer, pretendem libertar o individuo pelo conhecimento profundamente científico da grilheta que o aprisiona. Na análise científica de tudo quanto se manifesta no espaço e no tempo reside a forma única de alargarmos o âmbito do mundo material, único que conhecemos e onde podemos viver.

//

Nos séculos XV e XVI, com a invenção da imprensa e com os descobrimentos geográficos, as ciências naturais desenvolvem-se grandemente e, assim, vemos aparecer o naturalismo na Flandres em progressiva afirmação dos Van Eyck a Masaccio e Paolo Uccello, Leonard Vinci e Miguel Angelo.

O individuo revigora o seu intelecto na análise da realidade e o ainda ontem escravo da natureza pretende hoje desvendar o segredo da criação para a reconstruir. Daqui em diante as ciências naturais continuam a rota maravilhosa do progresso, semeando luz a todos os ansiosos da evolução e no século XVII, século de Galileu, Huygens e Newton, aparece o génio luminoso de Velasquez.

Nos séculos XVI, XVII e XVIII, séculos de Copérnico, de Galileu, de Képler, de Newton, Lavoisier e Bichat, nós vemos a arte manejar o seu braço mais forte pelas diversas formas de